

12/12
Jul. 2001

98 000700(3)



Amarante Congresso Histórico 98

Ficha Técnica

Título
Amarante Congresso Histórico 98
Actas

Edição
Câmara Municipal de Amarante

Tiragem
500 exemplares

Composição Impressão
Gráfica do Norte - Amarante

ISBN 972-98539-0-8

Depósito Legal
N.º 157746/00

ACTAS

III VOLUME

Manuel Luís, um mestre pedreiro quinhentista entre o Porto, Amarante e Braga

Frequentemente se tem associado o nome de Manuel Luís ao Convento de S. Gonçalo de Amarante. Ainda recentemente, o investigador Rafael Moreira indica a sua presença à frente da fábrica amarantina no ano de 1559, substituindo o «*arquitecto*» Frei Julião Romero.

O convento, fundado em 1540 por D. João III, viu a sua primeira pedra lançada em 1543, e a sua fábrica iniciou-se, como era uso, pela áreas de anexos e serviços, dormitórios, refeitórios, sacristia. Duas datas referentes a esse período são conhecidas; na Fonte Milagrosa está inscrita a de 1545, no lavatório da ante-sacristia a de 1554.

Em 1549, respondendo a uma petição de Frei Julião Romero, D. João III ordenou que os pedreiros e outros oficiais que operavam no convento não fossem obrigados a participar em obras do conselho de «*Gouvea*»¹. Os trabalhos, portanto, seguiam em bom andamento.

Em 1554, aparece-nos, num registo de baptismo da freguesia de S. Gonçalo e com o cargo de «*mestre das obras de S. Gonçalo*», o nome de um Pedro ou Pêro Fernandes.

A sua ligação a Manuel Luís é possível. Assim se designa um pedreiro, natural da freguesia da Golpilheira, na Batalha, que trabalhou em 1520 na igreja de Santa Cruz de Coimbra com Diogo de

¹ Arquivo Distrital do Porto., nº 3361, *Convento de S. Gonçalo de Amarante*, 1549, Dezembro 6. fls 353 e seguintes.

Castilho. Ainda natural da mesma freguesia é outro Fernandes, este João, também pedreiro, que suponho ser o pai de Manuel Luís, e que seguiu um percurso semelhante. Contudo, para além de Santa Cruz, esteve nos Jerónimos com o mestre biscainho², de onde o terá acompanhado para o Porto. Dada a coincidência de apelidos e naturalidade, pode, portanto, ser parente próximo de Pêro Fernandes.

Entre 1542 e 1547, segundo Viterbo, um Pêro Fernandes foi mestre das obras do convento das dominicas de Nossa Senhora da Graça em Abrantes. Apesar da informação de Viterbo, não documentada, de que esse Pêro Fernandes era natural de Abrantes, julgo ser possível tratar-se da mesma personagem. Para além da coincidência do nome e apelido, os cenóbios pertenciam à mesma Ordem e foram de iniciativa real. Assim, a presença de Manuel Luís em Amarante justifica-se: as dinastias de pedreiros eram, no século XVI, uma constante e pode portanto ter estado no estaleiro de S. Gonçalo por essa época com o seu presumível familiar.

Pelo menos desde 1552 edificava-se ano Porto, na rua das Flores, a igreja da Misericórdia, sagrada pelo Bispo D. Rodrigo Pinheiro em 4 de Janeiro de 1559. O templo não deveria ter então mais que os alicerces e algumas paredes levantadas. No mesmo dia da sacração, 4 de Janeiro, a Confraria portuense informa que «... *queriam hora acabar a ermida da dita confraria na rua das Flores da dita cidade honde estava ja fundada...*»³. Deve ter portanto ocorrido uma interrupção dos trabalhos e a sacração do templo pode significar o reinício da obra.

Em 1559, Manuel Luís é «mestre da obra» da Misericórdia. Nesse mesmo ano sucede no prazo da casa que fora dos seus pais, João Fernandes e Catarina Luís, na rua dos Canos. A maioria atingia-se aos vinte e cinco anos e devia ser essa a sua idade. Sendo assim, é possível, como foi referido, a sua presença em Amarante nos anos cinquenta, mas dificilmente, dada a sua juventude, como mestre.

A igreja quinhentista da Misericórdia portuense, concluída em 1568, foi muito modificada no século XVIII por Nicolau Nasoni, mas uma descrição de 1633 indica uma fachada com três nichos sobre um portal ladeado por colunas coríntias e ainda três vãos no frontispício; um circular ao centro e dois «quadrados» nas extremas. No interior, a

² DIAS, Pedro - *A Arquitectura de Coimbra na Transição do Gótico para o Renascimento: 1490-1540*, p. 186, Coimbra, ed. EPARTUR, 1982. João Fernandes surge ainda nas listas de pedreiros que trabalharam nos Jerónimos (CORREIA, Virgílio, *As Obras de Santa Maria de Belém*, pp 18 e 51, Lisboa 1922.

³ Arquivo da Misericórdia do Porto, H., Bcº I, nº 13,1559, Janeiro 4, fls 33.

nave única era de abóboda de berço com caixotões de granito, que se repetiam no coro assente sobre um arco abatido.

Da igreja original restam ainda, para além da capela-mor e da estrutura geral do templo, a sóbria porta travessa de ordem jónica, e as também jónicas pilastras posteriores do campanário. Ainda do século XVI são as mísulas estriadas com denticulos, que marcam, sob a cornija, o ritmo das gárgulas de canhão e a cruz posterior, com óvulos no extremo dos braços. Alguns destes elementos decorativos e a desaparecida abóboda de berço com caixotões, têm paralelo no também portuense e contemporâneo templo de Nossa Senhora de Agosto.

A cobertura da capela de Nossa Senhora de Agosto, executado a partir de 1565 por Manuel Luís, obra em que o bispo Rodrigo Pinheiro pessoalmente se empenhou, tem na pequena abóboda de berço da cabeceira dois tramos de caixotões de granito com florões centrais, em que as nervuras torais prolongam as serlianas mísulas de sustentação. Antecedendo a capela-mor, o arco cruzeiro de volta perfeita arranca de pilastras com capitéis de canto e, no intra-dorso, mostra decoração de motivos geométricos.

O desenho da abóboda de nervuras da nave lembra, para além de Santa Maria de Belém e da capela-mor da catedral de Braga, as coberturas da ábside da igreja de San Estevo ou da sacristia do Mosteiro de Santa Maria, ambas em Ourense, desenhadas pelo português Bartolomeu de Rosendo entre 1510 e 1520⁴, adicionando-lhe «tabula anseata», enrolamentos e cartelas flamengas. Para além do facto de seu pai, João Fernandes, ter provavelmente trabalhado nos Jerónimos, uma outra ligação se pode estabelecer: Manuel Luís era genro do pedreiro galego João Vaz, casado com a sua filha Joana Vaz. Este João Vaz, era, ao que parece, natural de Ourense. Desde os anos quarenta trabalhava e vivia no Porto na rua de S. Miguel, e o mesmo nome surge também nas listas de pedreiros dos Jerónimos publicadas por Virgílio Correia.

Com esta cobertura, adivinha-se o desejo de uma rutura com um sistema tradicional. Pragmaticamente, Manuel Luís, respeitando uma solução que concerteza lhe foi imposta, a abóboda de nervuras, introduz-lhe uma decoração classicizante, com que sentia mais afinidades e, para além disso, acrescenta-lhe a cabeceira em berço. O sistema assim formado vai ter, noutra escala, grande futuro no Porto,

⁴ JATO, Maria Dolores Vila, « O Primeiro Renascimento Galaico Português », in *Do Tardo-Gótico ao Maneirismo: Galiza e Portugal*, p.143, Lisboa 1996.

casos de S. Lourenço, S. João Novo e S. Bento da Vitória.

Os templos da Misericórdia portuense, de Nossa Senhora de Agosto e, talvez, da Misericórdia de Braga, devem ter causado sensação no Noroeste. Logo depois, em 1567, Manuel Luís desenha uma abóboda de berço semelhante à dos Alfaiates para a cabeceira da matriz de Ponte de Lima.

No contrato para a reconstrução da cabeceira da matriz de Ponte de Lima está presente Frei Jerónimo Borges, supervisor da obra de S. Domingos de Viana, realizada entre 1566 e 1576, e parece ter sido ele o responsável pela escolha de Manuel Luís.

É possível que Frei Jerónimo Borges tenha desempenhado também um papel de relevo na edificação, entre 1569 e 1565, da igreja da Misericórdia de Braga. O dominicano era muito prezado pelo arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, a quem se deve a iniciativa da construção dos dois templos e ainda da obra em Ponte de Lima, para além da sua acção, concerteza importante, na fábrica de S. Gonçalo.

Num documento de 1666, o provedor da Misericórdia portuense Barreto Fuseiro informa que Manuel Luís reparara a Misericórdia de Braga⁵. É a única referência documental que o liga ao templo edificado entre 1559 e 1565, mas é possível que a Manuel Luís se deva a traça do edifício.

O arranjo estrutural, com as aberturas e a empena triangular, o interior de nave única, são similares aos da Misericórdia da rua das Flores. A mesma analogia se pode aplicar a S. Domingos de Viana no que se refere ao pórtico e aos elementos decorativos, embora em Braga estes últimos estejam dispostos de forma mais concentrada. Vieira, bustos, as esferas flamejantes de Serlio, os pedestais independentes das também serlianas colunas coríntias geminadas glosam Viana, enquanto que o friso de óvulos nas arquitraves surgia já no jónico do portal lateral da rua das Flores.

Curiosamente, nos pedestais, as carrancas maneiristas perfuradas deviam permitir o jorrar da água de uma antiga fonte, que juntamente com uma plataforma gradeada que se nivelava pela soleira da porta foi retirada, sendo ambos substituídos pela escadaria e embasamento actuais.

A fachada apresenta-se assim pouco nítida, sobretudo no que respeita à acumulação de elementos decorativos sobre o perfil acima

⁵ RUÃO, Carlos - *Arquitectura Maneirista do Noroeste de Portugal, Italianismo e Flamenguismo*, p 202, Coimbra, ed. E.N., 1996.

dos nichos. Terá Manuel Luís, como parece sugerir a informação de Fuseiro, abandonado Braga pelo Porto, deixando a sua obra incompleta?

Em 1569, Manuel Luís mora no Porto, numa casa da rua de S. Miguel que fora do seu sogro João Vaz e depois da morte deste, a partir de 1563, da sua cunhada Antónia Vaz. É possível localizá-la com exactidão: era a «...terceyra casa avante a casa que foi sinagoga...», esta situada no ângulo formado pelas actuais ruas de S. Miguel e S. Bento da Vitória, descrita em 1569 como a «...casa do canto a que foi sinagoga dos judeus...»⁶. Era portanto vizinho da próspera comunidade de cristãos-novos portuense, que mantinha relações privilegiadas com o Norte da Europa. Sobre a antiga sinagoga vai Manuel Luís edificar, por encomenda da Confraria de Nossa Senhora da Vitória, de que pelo menos alguns membros eram cristãos-novos, a igreja do mesmo nome, que se construía ainda em 1576.

Alguns dos elementos dessa comunidade eram livreiros e importavam obras da Flandres. É esse portanto um dos caminhos possíveis de importação de gravuras e tratados flamengos, sobretudo de Vnelemann de Vries, que tão importantes vão ser para a arquitectura nortenha a partir da segunda metade do século XVI. A divulgação do tratado de Serlio no Porto pode também ter seguido essa via pois, em 1553, tinha sido imprimida uma edição em Antuérpia

Pouco depois, em Amarante, inicia-se a edificação de um novo templo no Convento de S. Gonçalo. Do anterior poucas notícias existem. Em 1569 já a sua capela-mor deveria estar erguida, pois nesse ano é instituída por Domingos Ferreira, uma capela na «igreja nova» de S. Gonçalo, mais precisamente a «... segunda capella da capella mor do dito mosteiro».

Em 1581, porém, inicia-se a edificação de um novo templo e Manuel Luís deve ser, desde esse ano, o seu mestre. Junto ao Tâmega fixou residência com seus familiares. Em 8 de Dezembro de 1583, é aí baptizado um seu neto: André, filho de André Varejão e da sua mulher Maria Luís. Em Janeiro de 1584, Joana Vaz é madrinha de um baptismo em S. Gonçalo, e o seu marido, Manuel Luís, é designado como «mestre das obras». Mais preciso, um documento conventual de Janeiro de 1585, afirma ser ele o «mestre das obras deste mosteiro».

Em 1586, porém, o mestre das obras de S. Gonçalo é já Mateus

⁶ Respectivamente A.D.P., nº 4339, Convento de S. Domingos, *Livro de Pergaminhos*, pergaminho nº 49, e *Idem, Ibidem*, nº 4326, *Livro das Capelas*, fls 68.

Lopes. Em Abril desse ano o seu irmão Gonçalo Lopes presta um breve depoimento sobre a fábrica amarantina, a que se segue um outro, mais completo, em Julho. Estavam concluídos o dormitório virado ao rio e alguns anexos, ainda a sacristia e a ante-sacristia. Os claustros estão apenas fundados, a capela-mor está prestes a ser terminada, incluindo o arco cruzeiro e duas capelas colaterais. Também quase pronta está a parede costã que dá para o claustro, com a respectiva porta de acesso e as capelas comunicantes. A parede do lado do rio está menos adiantada: à porta travessa, faltam os capitéis, mas as capelas estão muito adiantadas, estando «... feita a metade desta costã» (Ruão). Parece ser portanto essa, exceptuando a zona mais antiga do dormitório e anexos, a obra de Manuel Luís, edificada durante os quase cinco anos decorridos desde 1581.

Na profunda capela-mor em abóboda de caixotões, o pesado florão central é característico de Mateus Lopes. O entablamento, porém, com os suportes serlianos das nervuras torais, deve ter sido obra de Manuel Luís. O transepto em que, posteriormante, se iria abrir a cúpula que, possivelmente, fazia parte do projecto inicial, sugere, juntamente com as capelas laterais S. Domingos de Viana. A capela colateral do lado da Epístola, em ábsidiolo semi-circular tem, na meia-laranja superior, em parte encobertos pelo retábulo, baixos-relevos flamengos, mais aparentados com obra anterior e posterior de Manuel Luís do que com o trabalho dos Lopes.

A razão porque Manuel Luís já não é mestre das obras de Amarante em 1586, substituído pelo irmão de Gonçalo Lopes, Mateus Lopes, prende-se com a sua chamada para o Porto, para a construção da capela-mor da Misericórdia, iniciada em Julho de 1584. Várias deslocações fez ainda Manuel Luís a Amarante, acumulando o cargo de mestre dos dois estaleiros, até ser substituído, entre Janeiro de 1585 e Abril de 1586. A presença de Pedro Lopes de Amorim, genro de Gonçalo Lopes, como aparelhador da obra desde 1585, sugere que tivesse sido nesse ano que se processou a substituição das equipas.

Em 1584, Manuel Luís encontra-se portanto no Porto, para edificar a capela-mor da Misericórdia. Era uso iniciar-se a construção dos templos pela capela-mor, o que, excepcionalmente, não sucedeu. Põe-se a hipótese de, dadas as dificuldades económicas, o custoso projecto da cabeceira, só permitido em 1584 pelo legado de D. Lopo de Almeida, que desde o início teria sido apresentado por Manuel Luís, mestre da obra, ter sido protelado, aguardando melhores dias.

Em 4 de Junho desse ano, a Misericórdia portuense manda cha-

mar Manuel Luís para «...dar a traça da capela de D. Lopo de Almeida...» e o mestre fez «dois debuxos amostras». Passado um mês, a 15 de Julho, de novo se desloca de Amarante «onde residia» e, no mesmo dia são assentes os seus honorários. Pouco depois, em 24 de Julho, dá-se início à obra. A rapidez de todo o processo, a presteza com que abandona o inconcluso projecto de Amarante, parecem sugerir que o mestre portuense já a tinha idealizado, não tendo sido edificada pelas razões acima apontadas.

Regressando à capela de Nossa Senhora de Agosto, cujo contrato foi, lembremo-nos, assinado em 1565, aí podemos encontrar algumas pistas que podem sustentar essa hipótese. As microarquitecturas são frequentemente ensaios para obras de maior vulto, e assim parece suceder com o nicho da fachada de Nossa Senhora de Agosto. A pequena abóboda semi-esférica é revestida por uma rede de caixotões, cravejada com óvulos e diamantes. Pelo contrato, verifica-se que o nicho, ou encasamento, de que existia uma «mostra» separada, foi desenhado por Manuel Luís e o seu reticulado vai-se repetir na meia-laranja da Misericórdia, em que a decoração flamenga também abunda.

Ainda antes de terminar a obra da capela-mor, em 1589, Manuel Luís está empenhado na construção de um outro edifício no Porto, o baluarte de S. Filipe, junto da Porta Nova, ordenado por D. Sancho de Ávila. De forma arredondada, foi, juntamente com o castelo da S. João da Foz, a primeira fortaleza «ao moderno» portuense.

A arquitectura militar surge-nos pela primeira vez no percurso do mestre portuense, e é de notar que a sua prática militar foi um dos elementos a ter em conta na génese do classicismo desornamentado português que, cronologicamente, se sucede a um nítido período maneirista. É possível detectar na carreira de Manuel Luís um movimento semelhante. A estatuária, a sobrecarga decorativa tornam-se supérfluos, e essa contenção está presente na fachada da Misericórdia de Guimarães, parte da qual foi, ao que tudo indica, de sua autoria.

A igreja da Misericórdia vimarenense arrancou em 1588, mas só mais tarde, em 1599, Gonçalo Lopes e o seu genro Pedro Afonso de Amorim assinam o contrato para a edificação da capela-mor, então já iniciada. Em 1604, Gonçalo Lopes tinha falecido, e João Lopes e Pedro Afonso de Amorim contratam a execução da fachada do templo, «... cuja traça velha fora feita por mestre que tinha fama nestas partes...». Em 1608, uma alteração ao projecto é aprovada, contemplando um novo desenho para o registo superior da fachada.

Antes, em 1602, Manuel Luís «mestre das obras do arcebispo

de Braga», acompanhado de Jerónimo Luís «mestre das obras do mosteiro de Pombeiro», tinha vistoriado os trabalhos, sugerindo alterações que acabaram por ser aprovadas (Ruão).

Temos assim, que na fachada, o registo inferior, que pode ser atribuído a Manuel Luís, apresenta grandes semelhanças com outras obras suas no lavrar das colunas coríntias, que no terço inferior têm os característicos óvulos e diamantes veermenianos. A ausência de estatuária que, por exemplo, na Misericórdia de Braga ou em S. Domingos de Viana concedia um carácter ainda plateresco às fachadas retábulo, faz-se notar, substituída por discretas tarjas em baixo relevo no intercolúneo. O nicho superior era, no projecto inicial de, supõe-se, Manuel Luís, ladeado apenas por cartelas e remates piramidais. As colunas coríntias geminadas hoje existentes e o frontão semicircular interrompido foram realizados por João Lopes de Amorim, integrando-se, com o desenho do registo inferior, para formar a actual fachada retábulo que repete a sobreposição de ordens da capela-mor da Misericórdia portuense (Ruão).

Em Guimarães, Manuel Luís surge-nos, no ano de 1602, como mestre de obras do arcebispado de Braga. Desde 1591 que reside na cidade dos arcebispo, e é nesse ano que um pedreiro do Porto e um de Guimarães são indicados como tendo projectado a residência jesuíta do colégio de S. Paulo. O primeiro deve ser Manuel Luís, o segundo Gonçalo Lopes ou João Lopes de Amorim (Ruão).

A ligação do mestre portuense à Companhia de Jesus é, porém, mais antiga: em 1573, no Porto, é testemunha num contrato realizado entre os Jesuítas e o Cabido, relativo a terrenos para a edificação do Colégio de S. Lourenço, cuja primeira pedra foi lançada ainda esse ano (Ruão). Apesar do projecto do templo ser da autoria do arquitecto da Companhia Silvestre Jorge, não repugna que Manuel Luís tivesse participado na obra. Era uso mestres pedreiros locais participarem em edificações jesuítas, seguindo as orientações traçadas pelos arquitectos da Ordem. Certo é que mais tarde, em 1589, constrói o archeduto que conduz a água das Fontainhas para o Colégio.

Nesse mesmo ano, 1589, é sagrado em Lisboa o novo arcebispo de Braga, designado por Filipe I de Portugal, Frei Agostinho de Jesus. Esteve ligado à reforma das casas da sua Ordem, os Ermitas de Santo Agostinho, na Alemanha e em Itália, ainda em Aragão. Em Braga, para além de prosseguir a obra reformadora de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, desenvolveu um ambicioso programa de renovação urbanística e arquitectónica, na linha do seu antecessor do início do século D. Diogo de Sousa. Entre todo esse afã construtivo sobressaem duas obras, o convento de Nossa Senhora do Pópulo e o acrescento

ao Paço Episcopal.

Ao paço medieval já tinha sido adicionada uma ala, a nascente, em que funcionava o tribunal, ordenada por D. Manuel de Sousa nos anos quarenta do século XVI. O corpo norte é atribuído a D. Rodrigo da Cunha, arcebispo entre 1627 e 1635. Em 1595, contudo, a planta de Braulio mostrava já um edifício aí localizado.

Manuel Luís foi o arquitecto do «quarto da galeria», a poente, mas possivelmente também projectou a ala norte, as duas fechando a planta em «U» iniciada por D. Jorge de Meneses. Em termos urbanos e arquitectónicos, trata-se de um conjunto notável, localizado numa rua rasgada por D. Diogo de Sousa, que percorre axialmente a cidade entre duas portas importantes, a do Souto, a oriente e a Nova a ocidente, à maneira das Calles Mayores espanholas, ou das mais portuguesas ruas Direitas. Os centros político, administrativo e religioso, a Sé fica do outro lado da rua, articulam-se monumentalmente em torno de uma praça regular. Curiosamente, esta disposição compacta de edifícios religiosos, palatinos e burocráticos tem paralelo nas Plazas Mayores coloniais da América do Sul, mais que nas da vizinha Espanha. Não nos podemos esquecer, contudo, de que, ao contrário dos projectos coloniais, em Braga as edificações foram realizadas faseadamente, exceptuando a Sé, ao longo do século XVI e início do XVII.

O paço de Frei Agostinho é o primeiro edifício civil do norte do país que segue de perto o desornamentado estilo classizante espanhol. A sua arquitectura horizontal é de uma austeridade absoluta, exceptuando a discreta cartela central, e o emprego da sóbria ordem toscana que delimita o alpendre não é portanto fortuita.

Obscuridade e luz são moldadas pelo mestre das obras do Arcebispado de forma absolutamente racional, separadora e hierárquica. As espessas colunas toscanas revelam, num processo inverso ao das nervuras da abóboda de Nossa Senhora de Agosto, a sua função de suportes primordiais. O paralelo com a arquitectura conventual não pode deixar de ser mencionado: a estrutura arquivada do paço tem paralelo em nortenhos claustros contemporâneos, como os de S. Gonçalo e da Serra do Pilar, ainda S. Francisco em Guimarães. Contudo, a sua utilização no piso térreo da fachada de um edifício palatino, é novidade no norte do país.

Na fachada sul, a varanda fechada, voltada para a rua do Souto, é suportada por grandes mísulas caneladas, próximas, no desenho, às utilizadas por Serlio como guarnição de um fogão de sala. A sua base, porém foi alterada pelo mestre que lhe adicionou os denticulos. Estão assim, na linha de outras, mais reduzidas, empregues anteriormente

por Manuel Luís, na fachada de Nossa Senhora de Agosto, na Misericórdia portuense, ainda dos arranques da abóboda da capela-mor da igreja amarantina.

Da varanda podia o arcebispo D. Agostinho, discretamente, assistir à passagem das procissões, A analogia teatral é irresistível, sendo a rua entendida como um grande palco para as cerimónias religiosas. No século XVIII, uma estrutura semelhante vai ser construída no exterior da capela-mor de S. Gonçalo para albergar a estrutura da tribuna.

Em 1595, na extremidade poente do Campo da Vinha, Frei Agostinho de Jesus funda o convento de Nossa Senhora do Pópulo. A expansão cidadina para fora das muralhas medievais, iniciada no início do século, é assim consolidada durante o seu pontificado. Juntamente com o convento feminino do Salvador, este edificado contemporaneamente a norte do mesmo campo, delimita uma grande praça rectangular e monumental, num espaço já esboçado por D. Diogo de Sousa.

Em 1596, Manuel Luís, «mestre das obras» é testemunha de um contrato realizado no recém-fundado convento do Pópulo. A partir desse ano, surge nas folhas de pagamentos da casa do arcebispo, e até pouco antes da sua morte, em Outubro de 1604, como «...mestre das obras da nossa casa e do nosso mosteiro de Nossa Senhora do Pópulo e das mais que lhe mandarmos...»⁷, recebendo por isso um ordenado de cem mil réis anuais.

No interior da igreja, uma longa nave única de capelas laterais comunicantes, desemboca numa profunda capela-mor. O conjunto fortemente axial da capela-mor e nave é coberto por uma abóboda de

⁷ Arquivo Distrital de Braga, Nossa Senhora do Pópulo, A 4, 1596, Outubro I, fls 15 e seguintes. Por um lamentável lapso, no artigo por mim escrito na revista Museu, IVª série, nº 6, 1997, nota 39, refere-se que a data é 6 de Outubro, e o documento se encontra a fls 24. Manuel Luís é também aí intitulado «mestre de pedraria», em vez do correcto «mestre das obras». Nas diversas folhas de pagamentos existentes no Arquivo Distrital de Braga, feitos pelo bispo Agostinho de Jesus aos «...moradores de nossa casa e pessoas abaixo declaradas...», surge o nome de Manuel Luís e a sua assinatura. Os ordenados eram pagos três vezes por ano económico, que se iniciava no S. João. O primeiro rol data de 1596, o último de 1604. (Respectivamente Idem, Coleção Cronológica, Pasta 69, Cota 2255, 1596, Outubro 5, « Item A Manuel Luís mestre das obras de nossa casa e do nosso mosteiro de Nossa Senhora do Pópulo e das mais que lhe mandarmos vinte e cinco mil réis do dito 4 el a resão de cem mil réis que tem por anno de seu ordenado» e Idem Ibidem, Pasta 71, Cota 2337, 1604, Julho 7). Os recibos são sempre idênticos, exceptuando nos últimos anos, a partir de 1601 (Idem, Ibidem, Pasta 71, Cota 2321) quando é referido, que para ser pago o ordenado ao mestre era necessária uma certidão do « padre prior como servio» ou simplesmente dos « padres como servio»

berço, revestida a caixotões que desenham um reticulado irregular. Entre os dois elementos, capela-mor e nave, não existe uma separação muito marcada, criando-se um comprido e quase ininterrupto túnel. O arco cruzeiro surge apenas como uma maior afirmação dos arcos torais suportados por pilastras dóricas. Assim, é conseguida uma mais perfeita unidade espacial, que conjugada com a grande elevação e sentido ascensional das pilastras e torais, sugere as naves centrais românicas. Todo o conjunto do interior do templo respira um ambiente que o aproxima da espiritualidade medieval. Não surpreende, portanto, a presença no exterior de pesados contrafortes, armação que permite a elevação mística do espaço interior.

Todas as linhas de visão convergem para a capela-mor, e a austeridade do templo, segundos as directivas contra-reformistas, contribui para a concentração aí, sem quaisquer distrações acessórias, da atenção dos fiéis. Mesmo os retábulos são recuados para a obscuridade das profundas capelas laterais, e o sistema, com antecedentes próximos em S. Gonçalo de Amarante, é aqui acentuado pela ausência de transepto e colaterais.

No exterior, a torre do Pópulo, hoje sem cúpula, é a primeira em Braga a colocar-se em posição posterior, junto á capela-mor. Depois dela, muitas semelhantes surgirão, até ao século XIX, na cidade dos arcebispos. A torre deve ser a parte mais antiga do templo, que, como era uso, se iniciou pela capela-mor, não sendo de excluir a influência flamenga⁸, sempre presente na obra de Manuel Luís, nesse tipo de implantação.

Existem referências à existência de uma igreja nova, em oposição a uma anterior. Nesta última esteve o túmulo do fundador Frei Agostinho de Jesus, desde 1609, data em que faleceu, até 1623, quando foi trasladado para a capela-mor do novo templo, que portanto deveria já estar concluída. Suponho que essa igreja velha seria um templo provisório, onde os frades realizariam os officios litúrgicos até que pelo menos a capela-mor da igreja definitiva estivesse concluída.

Tal parece demonstrar o facto de, em 1604, Fernão Ribeiro, que no Pópulo instituiu uma capela, pretender ser sepultado, se o templo não estivesse concluído à data da sua morte, na «igrejinha» substituta então existente⁹. Em 1607, segundo testemunho do próprio Frei Agostinho de Jesus, os trabalhos não estavam ainda muito

⁸ Informação gentilmente prestada pelo Dr. Fausto Sanches Martins, que refere a existência de uma série de templos, na tratadística flamenga, com as torres em posição semelhante.

⁹ Idem, Registo Geral, 1ª série, Livro 121, 1604, Abril 13, fls 94 vº a 97

adiantadas: «... não tem mais que os alicerces lançados e poucas paredes saídas de fora...». O Arcebispo menciona ainda que a edificação do convento custaria cem mil cruzados «... segundo a estimação dos mestres da obra e architectos seguindo a traça que esta feita...». Esta passagem é interessante em dois aspectos: o elevado custo revela a magnitude do projecto, que tem paralelo no templo edificado, e ao mesmo tempo indica a existência de uma planta orientadora dos trabalhos traçada por Manuel Luís, que tinha falecido alguns anos antes, em 1604.

Em 1689, o coro ainda não estava concluído e a fachada não é mencionada nos tombos desse ano que descrevem a igreja¹⁰. No século XVIII é referida como sendo «... totalmente lisa, sem remate algum»¹¹. Mais tarde, no mesmo século foi edificado o actual frontispício, atribuído a Carlos Amarante.

A planta do convento era semelhante à de S. Gonçalo, com dois claustros, o primeiro, junto ao templo, com «...doze portais muito fermosos halem destes mais quatro portais que fiquão nas paredes correspondentes com duas frestas grandes ao lado de cada hum...». Esta quadra estava já concluída no final do século XVII, a que lhe fica a norte só o foi a partir de 1735¹². Entre eles, também como em Amarante, situava-se uma ala que albergava a escadaria conduzindo ao andar nobre.

O convento foi muito transformado no século XVIII, mas do primitivo edifício restam, junto ao templo, algumas das paredes e aberturas originais. A Via Sacra, com sete capelas edificadas, fundada por Frei Agostinho a norte da capela-mor, foi, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, modelo próximo para o posterior Bom Jesus do Monte. Segundo a descrição do Padre Carvalho da Costa, na sua Corografia Portuguesa de 1706, tinha «...sete devotas ermidas dos Passos da Paixão de Christo a que chamão Jerusalém, todas com grande perfeição, sobindo de huma para as outras quasi em caracol e por remate destas ermidas huma grande varanda com desimpeçada vista...». Carvalho da Costa refere ainda que, à data, o convento não estava ainda terminado.

A influência flamenga, por Manuel Luís introduzida em Braga, manteve-se, na cidade dos arcebispos, ao longo do século XVII e

mesmo depois. É, por exemplo, visível numa série de templos seiscentistas, em cartelas dispostas simetricamente em relação aos portais, que, com o avançar da centúria, ganham em peso e folhagens.

Regressando à Misericórdia de Guimarães, se tomarmos o registo superior, com um nicho em forma de templo clássico ladeado por duas cartelas, disposição essa que João Lopes de Amorim rejeitou, e o fizermos descer para o nível da entrada principal, obtemos uma organização fachadística muito próxima da desse conjunto de templos bracarenses. As Beatas Capuchas (1652), S. Vicente (1691) ou S. Vítor (1686) apresentam a mesma decoração «acroché» de cartelas ladeando pórticos austeros, As torres posteriores, as igrejas-caixa similares aos templos-módulo das Misericórdias quinhentistas apenas acentuam essa filiação.

No Campo de Santa Ana, onde se erguia a ermida do mesmo nome, fundada por D. Diogo de Sousa, que Manuel Luís transformou no início do século XVII, ordenou o arcebispo D. Frei Agostinho a construção de um chafariz. Existe ainda hoje, mas foi deslocado, no século XIX, para o Campo das Hortas. No contrato, realizado em 1594, especifica-se que devia ser «... mais larguo dos das villas de Guimaraes e Ponte de Lima as suas taças como em tudo o mais...». Assim o desenhou e construiu Manuel Luís.

O chafariz, na estrutura geral, é semelhante ao de Viana, datado de 1554 e executado por João Lopes o Velho, ainda aos de Guimarães, de Gonçalo Lopes, de 1585 e de Ponte de Lima, este atribuído a João Lopes-o-Novo. A data geralmente apontada para o último, 1600-1601, porém, não parece condizer com a referência a ele feita no contrato do chafariz bracarense. A menos que houvesse um anterior, posteriormente substituído pelo actual

Existem semelhanças entre ambos, para além da disposição habitual de tanque e duas taças, nas carrancas flamengas. O chafariz bracarense tem contudo elementos decorativos que o individualizam, exemplo dos desenhos geométricos flamengos na base das taças, similares aos da capela colateral de Amarante, que se repetem ainda no balaústre inferior. Neste, rematado por um grande capitel, dois dos baixos relevos, representam, em lugar das mais usuais máscaras maneiristas, cabeças de índio.

Perto do chafariz erguia-se um cruzeiro, geralmente atribuído na bibliografia bracarense a D. Diogo de Sousa, portanto do início do século XVI. Hoje designa-se de Nossa Senhora-a-Branca, por ter sido colocado, no início deste século, no largo do mesmo nome. O cruzei-

¹⁰ *Idem*, Nossa Senhora do Pópulo, A 31, 1689, Agosto 3, fls 24 e seguintes, e A 30, 1689, Agosto 6, s.n. fls.

¹¹ FREITAS, Bernardino José de Senna, *Memórias de Braga*, Tomo V, p. 443, Braga 1890.

¹² A descrição do claustro - A.D.B., Nossa Senhora do Pópulo, A 31, 1689, Agosto 3, fls 25 vº. O contrato para a conclusão do claustro segundo - *Idem*, A 35, nº 230, 1735, Agosto 8.

ro existente, porém, não pode ter sido, por razões estilísticas, encomendado por D. Diogo de Sousa. O fuste e capitel coríntio são semelhantes aos da mesma ordem no segundo registo da capela-mor da Misericórdia, e a paridade é acentuada pelos diamantes do terço inferior. No pedestal, surgem uma cartela flamenga cópia fiel de um desenho de Vnelemann de Vries, e motivos flamenguistas envolvem também a esfera superior que suporta a cruz. O cruzeiro pode datar portanto dos finais do século XVI, início do dezassete.

Uma pintura do século XIX, reproduzida no roteiro bracarense de Luís Costa, mostra-nos que tinha um espaldar adossado ao escadório, e quando do contrato para a realização do chafariz, Manuel Luís comprometeu-se a levantar, perto, uma estrutura semelhante sobre um tanque. Se não foi o mestre de obras do arcebispo o autor do cruzeiro, este é pelo menos uma reprodução fidedigna de um elemento da sua obra mais conhecida, a capela-mor da Misericórdia portuense. Na sua primitiva implantação, mirando o chafariz do Campo de Santa Ana, seria uma digna homenagem à sua memória¹³.

Joaquim Jaime B./ Ferreira-Alves

Faculdade de Letras do Porto

A construção da Torre Sineira da Igreja do Convento de S. Gonçalo de Amarante

No conjunto formado pela estrutura conventual de São Gonçalo de Amarante (igreja, dormitórios, claustros e outras dependências) sobressai, pela situação e qualidade arquitectónica, a torre sineira. Construção dos finais de Seiscentos, é um dos últimos momentos de uma série de obras que desde a centúria anterior¹ deram origem à actual igreja. A sua edificação foi antecedida por duas obras emblemáticas da igreja conventual: a conclusão da magnífica portada lateral², que estava “começada no primeiro banco”, e a construção da Varanda dos Reis, trabalhos arrematados em 1683³ pelo portuense Manuel do Couto⁴, um dos mestres de pedraria mais importantes da cidade e que associa o seu nome, entre muitas outras obras, à casa e igreja da Congregação do Oratório do Porto⁵, ao Convento de São

¹ RUÃO, Carlos - *O Convento de São Gonçalo de Amarante: o microcosmos da arquitectura maneirista no Noroeste de Portugal*. In «Monumentos», nº3, Lisboa, 1995, p. 23-29.

Idem - *Arquitectura maneirista no Noroeste de Portugal. italianismo e flamenguismo*. Coimbra, 1996, p. 65-84.

² CARDOSO, António - *O Convento de São Gonçalo de Amarante, utilização e reutilizações*. In «Monumentos», nº 3, Lisboa, 1995, p. 8-15, e

- GOY, Ana - *La fachada de la iglesia de San Gonzalo de Amarante y su influencia en la arquitectura galaico-portuguesa*. In «Monumentos», nº 3, Lisboa, 1995, p. 16-21.

³ SARDOEIRA, Albano - *Notícias de alguns artistas que trabalharam em Amarante*. Porto, 1957, p. 20-27.

⁴ Sobre Manuel do Couto ver entre outros trabalhos: BASTO, Artur de Magalhães - *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964. P. 207-216.

⁵ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *Elementos para a história da construção da Casa e Igreja da Congregação do Oratório do Porto. (1680-1703)*. Porto: Separata “Revista da Faculdade de Letras”, II Série, Vol. X, 1993.

¹³ Sobre alguns aspectos da vida e obra de Manuel Luís referidas nesta comunicação, ver AFONSO, José Ferrão - «Manuel Luís, Contributo para a História de um Mestre Pedreiro Quinhentista», in *Museu*, IVª série, nº 6, 1997, pp.7 a 45.